

Índice

Editorial	
Francislê Neri de Souza & Helena Brandão Viana	2-5
A atuação do coordenador pedagógico da educação infantil: o que dizem as pesquisas? Maria do Carmo Meireles de Deus & Patrícia Cristina Albieri de Almeida	6-21
2. Inclusão em contexto educativorevisão sistemática de metodologias utilizadas em teses de doutoramento Marcus Vinicius de Paula Pereira Junior, Stelya Marusska Diniz Côrte-Real Martins Pereira & Ana Mateus João Pereira	22-34
3. Liderança e Gestão de Escolas em Portugal: uma Análise dos Resultados Obtidos na Avaliação Externa de Escolas (3.º Ciclo) Jennifer Alejandra Sérgio da Silva & Márcia Honório Portella Pinto	35-51
4. A cidadania ambiental na prática pedagógica de professores do 1ºciclo do ensino básico em formação inicial: um estudo qualitativo Mafalda Vaz & Eliana Freitas	52-73
5. Análise de pesquisas científicas sobre tecnologia educacional e educação a distância realizadas no mestrado profissional em educação e mestrado em desenvolvimento humano da Universidade de Taubaté. Juliano Ferri de Abreu e Silva & Mariana Aranha de Souza	74-85
6. Um panorama das pesquisas sobre educação antirracista publicadas no portal de periódicos da CAPES Fabiana Alves de Almeida, Mariana Aranha de Souza, Adriana Nunes Stein	86-97
7. MOOC - Quality and sustainability of peer assessment Sandra Canário Ribeiro	98-113
8. Novo ensino médio: metodologias ativas aliadas à teoria de flexibilidade cognitiva podem contribuir no desenvolvimento da aprendizagem para adolescentes? Cinthia Caciéle Fregne Matusaiki, João Felipe Posseti Geleilete, Ludmila Szezerbatz, Marco Antônio Evangelista, Mikaela Werkhauser Fuentes Romero, Rafael Henrique Morais Santos da Silva, Rafaela Fernandes Vieira	114-126
9. Inteligência artificial na educação: uma revisão integrativa da literatura Rodrigo Henrique Martins, Helena Brandão Viana	127-139
10. Um olhar sobre a educação inclusiva em portugal Luís Filipe Torres Moreira	140-157
11. Tecnologia e o desenvolvimento infantil: a influência das telas Ebenézer do Vale Oliveira, Luiza Helena Rodrigues Arantes, Silvia Cristina de Oliveira Quadros e Francislê Neri de Souza	158-170

Editorial

AUTOMAÇÃO DOS SERVIÇOS EDUCACIONAIS E O FUTURO DAS UNIVERSIDADES

Francislê Neri de Souza, Helena Brandão Viana

Ж

O Ensino superior em geral e as universidades em particular tem tradicionalmente passado ao longo dos tempos por grandes e lentas transformações. Por exemplo, a expansão e democratização do ensino superior apresentou a necessidade de orçamento cada vez maiores para o ensino, a pesquisa e a extensão. As tensões orçamentárias não são novas, e já denunciava Kourganoff, (1989):

Aos universitários que denunciam a insuficiência das verbas consagradas ao ensino superior e à investigação, os diferentes ministros das Finanças e da Educação Nacional opõem estatísticas que demonstram que esses retidos não deixaram de aumentar no decorrer dos últimos vinte anos e representam uma parte sempre crescente das despesas do Estado (Kourganoff, 1989, p.91)

Por essa razão que o financiamento privado se tornou uma promessa de melhorar a integração do ensino superior na sociedade. Este meio de financiamento veio carregado e desvirtuado com a “lucratividade” que ameaça subverter a integridade das instituições educacionais. Mesmo contanto com investimento público, cada vez mais diminuído no contra fluxo da proporcionalidade da população crescente, o professor emérito da UNESP José C. S. Trindade refletia:

Our present difficulties cannot be seen as an imposition of fate, but as a result of false priorities established in detriment of the valuing of human capital, quality of education, research and extension of the University (Bolle, 2001, p.163)

Para além do problema do financiamento Feenberg (2017) aponta para outras tendências que o ensino superior enfrenta: i) desprofissionalização dos docentes através da diminuição do investimento na formação dos professores e sua substituição por “professores temporários menos qualificados”; ii) custo da formação sendo assumido pelos estudantes, que inicia sua vida profissional já endividados; iii) burocratização das universidades com gerenciamento cada vez mais do tipo empresarial. Sendo que o corpo administrativo está ocupando o lugar do corpo acadêmico na tomada de decisão cruciais a educação; iv) a automação do serviço educacional através do emprego inovador das tecnologias. Sem desprezar todo o ecossistema da problemática do ensino superior, é sobre esta última tendência que gostaríamos de tecer algumas reflexões.

A inteligência artificial, a automação e a robótica tem influenciado e atingido diversos setores da sociedade. Isso não seria diferente para o setor educacional. Em quase todos os casos as tecnologias são empregues para reduzir a quantidade de trabalho requerido neste setor. Isso não seria diferente para o setor educacional. No entanto, é no setor educacional que se tem reconhecido uma maior resistência as mudanças. Assim, é tradicional comparar o modo de produção de uma fábrica do modelo T da Ford em 1900, com as universidades mais antigas e como elas funcionam hoje praticamente da mesma forma. Só que universidades não são a mesma coisa que uma fábrica de automóveis, porque “o processo educacional é diferente do processo de fabricação de automóveis” (Kourganoff, 1989, p.4)

Vamos ilustrar o obvio para o tornar explicito. Queremos produzir um lote de 30 automóveis, a probabilidade de criar um padrão de características e qualidade é muito grande. Queremos formar uma classe de 30 estudantes de química, filosofia ou outros conteúdos e/ou competências, as probabilidades de criação de padrões e qualidades são muito menores. As multivariáveis facetas das interações humanas no processo educativo é que faz a enorme diferença neste processo de construção de conhecimentos e competências. A educação é feita com pessoas e para pessoas, mas podem ser mediadas por tecnologias.

Aqui temos um aparente embate: de um lado a necessidade da construção humanizada e personalizada da educação e por outro os altos custos desta mesma educação. Considerando a educação como uma experiência para a vida, é possível aligeira e automatizar esta construção experiencial? Será que ouvir o concerto de violino de Beethoven na velocidade 2x teria o mesmo impacto experiencial e construtivo que o ouvir ao vivo diante de uma orquestra sinfônica? Estas questões se tornar mais agudas quando pensamos na educação de valores, na educação integral, na educação confessional etc. Neste contexto é possível também questionar: O que dos processos de automação, inteligência artificial poderia ser usando sem prejuízo para o fenómeno educativo? Por exemplo: É possível praticar uma educação a distância sem ser uma educação distante?

Naturalmente na experiência de um estudante nem tudo pode ser automatizado ou substituído pelas tecnologias digitais. Neste caso temos que pensar que partes podem ser substituídas, complementadas e mais importantes, que partes da experiência para a vida são insubstituíveis na formação integral do estudante.

Para Govindarajan & Srivastava, (2020) “In theory, lectures that require little personalization or human interaction can be recorded as multi-media presentations, to be watched by students at their own pace and place”. Assim, segundo estes autores, aulas do tipo palestra se transformaria numa *commodity* que poderia ser automatizada por plataformas tecnológicas, como MOOCs, com relativos ganhos de tempo e espaço para grandes audiências e baixos custos. Contudo, uma *commodity* é apenas uma *commodity*, tem função e missão próprias de *commodity*. Ela não deve sacrificar os importantes benefícios da interação presencial, da experiência social, do trabalho em

grupo, da pesquisa, da orientação, da personalização e da aprendizagem baseado em problemas e projetos.

Na visão Govindarajan & Srivastava, (2020) os estudantes teriam mais flexibilidade de formação e custos mais baratos: “They can use precious time they spend on campus for electives, group assignments, faculty office hours, interactions, and career guidance, something that cannot be done remotely” (p.2). Estes autores defendem um modelo híbrido da educação que tem o potencial de tornar a educação universitária mais acessível para todos.

Durante a pandemia de Covid-19 o mundo educacional teve a chance de experimentar de forma radical as aulas inteiramente online. Foram quebrados barreiras e preconceitos. Foi possível perceber as potencialidade e limitações deste tipo de interação no processo educativo. Muito de nós professores e estudantes compreendemos na prática o precioso valor da presencialidade para o ensino e a aprendizagem. Compreendemos também que a automação da educação também tem custo elevados, infraestrutura tecnológicas, formação de professores para integração das tecnologias e inovação, autoregulação da aprendizagem por parte dos estudantes para uma educação online, recursos humanos de apoio e suporte aos novos desenhos instrucionais etc.

Em resumo, não existe respostas prontas. É necessário que nestes anos de transição os estudantes, professores e administradores universitários possam experimentar novos caminhos. Para fazer pesquisas-ação nestes novos caminhos é necessário: i) ter coragem de realizar projetos pilotos disruptivos; ii) manter registro e análise cíclicas das aulas presenciais e online; iii) manter comunicação constante de resultados e troca de experiência com o corpo docente, discente e admirativo através de discussões francas, anônimas e construtivas. Estas discussões deveria ser sobre: metodologia de ensino, questões tecnológicas, métodos de avaliação, execução de projetos e extensões universitária etc.

Como base neste processo trabalhoso, mas construtivo é possível decidir que aulas, conteúdos, competências, ensinamentos e aprendizagens podem ser ministradas remotamente e quais devem permanecer integralmente no mundo presencial, ou na combinação em um ensino híbrido. Desde modo, acreditamos que existe uma chance de que a digitalização e automação de alguns processos educativos possam ser uma alavanca de inovação verdadeiramente benéfica para o ensino superior de hoje e do futuro.

Engenheiro Coelho, 15 Dezembro de 2022

Francislê Neri de Souza (francisle.souza@unasp.edu.br; fns@ua.pt)

Helena Brandão Viana (helena.viana@unasp.edu.br)

Referências

- Bolle, W. (2001). *The University of the 21st Century* (W. Bolle, Ed.; 1º). Edusp.
- Feenberg, A. (2017). The Online Education Controversy and the Future of the University. *Foundations of Science*, 22(2), 363–371. <https://doi.org/10.1007/s10699-015-9444-9>
- Govindarajan, V., & Srivastava, A. (2020). What the Shift to Virtual Learning Could Mean for the Future of Higher Ed. *Harvard Business Review*, 1–4.
- Kourganoff, V. (1989). *A Face Oculta da Universidade* (1º). Lello & Irmão Editores.